

I CONGRESSO NACIONAL AFRICANIDADES E BRASILIDADES:

ENSINO, PESQUISA, CRÍTICA

26 a 29 de junho de 2012, UFES, Vitória (ES)

GT2 - AFRICANIDADES E BRASILIDADES EM LITERATURA

LITERATURA E ETNICIDADE:

INVISIBILIZADAS VOZES FEMININAS

NA LITERATURA POTIGUAR CONTEMPORÂNEA

Eidson Miguel da Silva Marcos (UFRN/UEPB)

Amarino Oliveira de Queiroz (UFRN)

Palavras-chaves: *Literatura Afro-brasileira, Inaldete Pinheiro de Andrade, Rio Grande Do Norte.*

Referida como um conceito provisório, fluido e em permanente expansão, a chamada Literatura Afro-brasileira pressupõe, por parte de quem a movimenta, a tomada de um lugar de fala que remete à condição sócio-histórica do afro-descendente no Brasil, contemplando temática, linguística e ideologicamente seu percurso desde a condição socioeconômica na qual foi introduzido e mantido por muito tempo no país, bem como suas implicações nos dias de hoje e sua contribuição no processo de formação nacional em vários aspectos. No Rio Grande do Norte verifica-se, no entanto, um marcado processo de invisibilização de outros atores no cenário histórico e cultural do Estado, nomeadamente o negro e o índio. No presente trabalho empreenderemos uma breve leitura de recortes da obra de duas escritoras potiguaras radicadas no Estado de Pernambuco: a poetisa, professora e ensaísta Graça Graúna, e a professora, pesquisadora e contista Inaldete Pinheiro de Andrade, buscando depreender o lugar de inserção dessas duas autoras no que vem se constituindo atualmente como Literatura Indígena e Literatura Afro-brasileira. Ademais, procuraremos vislumbrar implicações que suas respectivas contribuições intelectuais podem suscitar no contexto literário e cultural do Rio Grande do Norte.

Com relação a uma possível historiografia desse contexto literário, constata-se que:

Impressa em forma de poemas, artigos, contos, crônicas, a Literatura começa a existir no Rio Grande do Norte, de modo ainda tímido, na segunda metade do século dezenove (...), tal aconteceu num jornalzinho chamado *O Recreio*, que existia na capital e circulou no ano de 1861. Foi o meio impresso pioneiro a difundir, de modo sistemático, esse tipo de manifestação cultural. (GURGEL, T. 2001, p. 32)

Esta evidência estaria atrelada à própria situação política e econômica

do Estado e especialmente de sua capital, onde,

No comentário do mais famoso historiador natalense¹ estão implícitas as leituras de velhos documentos coloniais, atas de intendências, registros de viajantes que por aqui passavam, testemunhos e depoimentos dos antigos, quase sempre atestando a indigência social, econômica, política e cultural da terra de cuja literatura iremos falar. (GURGEL, T. 2001, p. 31)

Ainda no entendimento do autor supracitado, esta condição se verificaria até a instalação do regime republicano no Rio Grande do Norte, na transição do século XIX para o século XX, período que corresponde ao „surgimento“ de uma expressão literária potiguar de maior fôlego. Dentre outros fatores, o incremento dessa atividade se daria por incentivo da oligarquia Albuquerque Maranhão, de modo análogo ao que se verificou em diversos outros Estados brasileiros como consequência do fim da monarquia, acarretando o aumento do poder de grupos políticos estaduais. Segundo Gurgel (2001), no caso potiguar, a família Albuquerque Maranhão teria promovido, através de seu exercício político-administrativo, a participação das elites intelectuais e de outros animadores culturais na máquina administrativa, consubstanciando assim uma maior movimentação literária no Estado. Nesse cenário de florescimento político e cultural no Rio Grande do Norte,

será certamente no campo da circulação das idéias, nas manifestações do espírito por via da literatura e do jornalismo, onde o período oligárquico se mostrará mais brilhante. A começar, como adiante se verá pela presença, junto aos oligarcas, de outra família, de origem negra, cujo desempenho será preponderante na manutenção da aura que ainda hoje cerca o período e o sobrenome. Referimo-nos aos Castriciano de Souza, provindos de Macaíba. (GURGEL, T. 2001, p. 39)

Eloy de Souza, Henrique Castriciano e Auta de Souza são os três irmãos que desempenharam o papel preponderante ao qual se refere Tarcísio Gurgel. Os dois primeiros foram proeminentes estadistas e intelectuais, enveredaram pela crônica e; no caso de Henrique Castriciano, também pela poesia, tendo publicado em vida quatro livros ligados à estética romântica. Em se tratando da terceira integrante da família Castriciano de Souza:

¹ Luís da Câmara Cascudo, conforme referencia Tarcísio Gurgel.

Auta de Souza deve ser considerada a poetisa norte-rio-grandense que ficou mais conhecida fora do Estado. Sua poesia, de um romantismo ultrapassado e com traços simbolistas, circulou nas rodas literárias do país despertando sempre muita emoção e interesse, segundo depoimentos de contemporâneos. Foi, fartamente, incluída nas antologias e manuais de poesia das primeiras décadas. Como a maioria dos escritos femininos da época, sua obra poética deixou-se contaminar pelas experiências vividas, o que, aliás, não compromete o lirismo e o valor estético de seus versos. (...)

Aos 24 anos, no dia 7 de fevereiro de 1901, Auta de Souza morria tuberculosa. No ano anterior, havia publicado seu único livro de poemas sob o título de *Horto*, com prefácio de Olavo Bilac, obtendo significativa repercussão na crítica nacional. (DUARTE, C. e MACEDO, 2001, p. 65)

A despeito da relevante contribuição dos Castriciano de Souza para o cenário cultural e político do Rio Grande do Norte, o fato de eles serem negros é geralmente secundarizado tanto pela crítica quanto pelas próprias linhas de seus escritos. Enquanto Auta contemplava temas ditos universais como a morte e a religiosidade em sua poética, não deixando evidente em seus trabalhos publicados uma relação mais estreita entre sujeito lírico e condição etnicorracial, Henrique Castriciano, influenciado pelo pensamento de intelectuais como Charles Darwin, Ernst Haeckel, Herbert Spencer e Auguste Comte, vai deixar marcada em algumas de suas crônicas certo ranço eugenista. Bem a propósito, em estudo introdutório das *Crônicas de origem* assinadas por Luís da Câmara Cascudo, ao comentar a postura de intelectuais do período de transição entre os séculos XIX e XX - dentre esses o próprio Henrique Castriciano - Raimundo Arrais aponta que:

Conforme as relações que os indivíduos, sob o império de seus caracteres raciais, travavam com o meio físico, poderiam ser vislumbrados destinos diferentes nos horizontes dos povos, de acordo com as combinações das determinações raciais e ambientais que fundamentavam aquelas teorias. Em 1908, repisando a tese segundo a qual o meio determina fortemente as diferenças entre os indivíduos, Henrique Castriciano escreve: "Há uma grande diferença psychica entre a gente do agreste e a do sertão; diferença que se afirma na singular

energia da população da última dessas zonas, em contraste com a meiguice humilde dos habitantes da primeira”².

Desse modo, a aplicação dos postulados cientificistas na observação da sociedade humana vai se desenvolver a partir de um antagonismo: de um lado, internados no mundo rústico, os sertanejos travavam uma incansável guerra contra a natureza; de outro, a população do litoral, que padecia das conseqüências da herança racial africana, não conseguia vencer o seu caráter indolente, inimigo do trabalho. (ARRAIS, 2005, p. 32-33)

O que se pode apreender desse contexto não é somente a influência de correntes de pensamento da época, mas também marcas de um processo histórico no qual alteridades presentes na conformação biológica, social e cultural do Estado são apagadas da História oficial e da memória coletiva, apesar dos movimentos de resistência que a permeiam. Um exemplo conhecido dessa resistência está bem representado através de Dona Militana Salustino, cujo exercício mnemônico do romanceiro tradicional ibérico reúne elementos da poética medieval reproduzidos, em pleno século XX, por uma voz brasileira e mestiça. Em Fabião das Queimadas, poeta repentista e rabequeiro, ex-escravizado que conquistou alforria graças a uma arte performática que lhe serviu como passaporte de acesso a alguns dos espaços de poder do seu tempo, nomeadamente os salões de festas da aristocracia rural, encontramos outro exemplo de resistência. A despeito da minimização de sua importância para a literatura do Rio Grande do Norte,

o nome do poeta potiguar continua vivo, na memória dos seus conterrâneos, senão na forma poética em que improvisou os seus romances, pelo menos nos episódios reais que cercam essas histórias fabulosas, enquanto os outros poetas do romance do gado (...) são autores anônimos.

Fabião das Queimadas, é uma lenda viva, que está a merecer o interesse dos pesquisadores. (GURGEL, D. 2001, p. 208).

² CASTRICIANO, Chronica, 04 abr. 1908, p. 136-139.

Não obstante a adoção do gentílico “potiguar” como sinônimo da expressão “norte-rio-grandense”, ao buscar suporte teórico em outras áreas do conhecimento como a Antropologia, por exemplo, podemos constatar com Julie Cavignac (s/d) que, “nos estudos sobre o Rio Grande do Norte as referências a identidades diferenciais são discretas”, e que

também nas representações nativas do passado, percebemos uma ausência dos principais atores da história colonial. Nos dois casos, as populações autóctones, os escravos e seus descendentes, são relegados ao segundo plano. (CAVIGNAC, s/d, p.1).

Isso se verificaria pelo fato de que, no Nordeste,

e ainda mais no Rio Grande do Norte, a história foi primeiramente escrita fora dos contextos acadêmicos e, essencialmente, pelas elites locais que tentaram apagar, a todo custo, as especificidades étnicas ao longo dos séculos. (Idem, s/d. p. 1),

Ou seja:

Logo após a retomada do território pelos portugueses na segunda metade do século XVII, podemos pensar que houve uma ação planejada e coordenada, visando a eliminação física das populações nativas e que, ao mesmo tempo se desenvolveu um movimento contínuo e generalizado de apagamento sistemático da presença cultural dos grupos nativos; movimento que resultou numa amnésia coletiva. Neste sentido, o aniquilamento do elemento indígena nas consciências, inclusive dos próprios descendentes, a erradicação física aliada ao apagamento dos índios nos documentos administrativos, pode ser interpretado como sinais do pleno sucesso do colonizador. (Idem, s/d, p. 10)

O que percebemos é que o apagamento das componentes de matriz africana e ameríndia no processo de formação social e cultural, como se poderia esperar, repercutiu e parece repercutir ainda nas letras do Rio Grande do Norte. Segundo o discurso oficial ainda em voga, os habitantes originais do que hoje é o Estado potiguar teriam sido completamente exterminados na chamada Guerra dos Bárbaros – evento supostamente ocorrido na segunda metade do século XVII. Tal episódio teria consistido, basicamente, no conflito armado entre os povos originários que habitavam o interior, genericamente chamados de tapuias, e as tropas a serviço da Coroa portuguesa – enquanto que a presença do negro seria muito pequena, “ambos concorrendo muito pouco para a miscigenação conseqüente do trabalho escravo” (MEDEIROS, 2005, p. 16).

Em contrapartida a tais discursos se verifica, pelo viés literário, a existência de discussões outras que trazem à tona marcas de uma identidade pluriétnica, onde outros elementos aparecem em destaque, nomeadamente o indígena e o negro. Nessa perspectiva, a contemporaneidade literária do Estado do Rio Grande do Norte encontra dois exemplos de problematização e de afirmação político-estética que se inserem como elementos desestabilizadores do discurso oficial: seja nas reivindicações de caráter afro-descendente formuladas em textos como “O Be-a-bá do Baobá”, conto da escritora natural de Parnamirim Inaldete Pinheiro de Andrade, que tematiza a herança ancestral africana, seja na atividade ensaística e poética da potiguara natural de São José do Campestre Graça Graúna, duas vozes igualmente invisibilizadas no ambiente literário local. Senão, vejamos.

Permeado pela história, a diáspora e as culturas africanas, o conto “O Be-a-bá do Baobá”, de Inaldete Pinheiro de Andrade, alude à resistência da cultura de matriz africana no Brasil, metaforizada na árvore baobá, que resistiu à violência do colonizador, enraizou-se e permaneceu viva e forte:

Muitos sóis, muitas luas se passaram. A criança viu a primeira semente brotar da terra e a planta foi crescendo, crescendo,

ficou maior do que a criança, maior do que o Homem-Grande: a criança viu nascer um lindo Baobá. Outras sementes brotaram e outros Baobás cresceram e o povo que foi vendido, fugia e ia para as matas e se juntava à criança, iniciando ali uma vida como era na sua terra – sem dono e sem senhor, o resultado do trabalho dividido por todos. Eles chamaram este lugar de quilombo. (ANDRADE, 2005, p. 30)

(...)

“Da seiva do Baobá, invadido e violentado, outros Baobás brotaram e pareciam dizer: “Pode me derrubar e continuo a renascer”. (Idem, 2005, p. 31)

O conto de Inaldete Pinheiro de Andrade ressalta o importante papel da memória que, em processo de apagamento no âmbito de algumas instâncias sociais, deve ser preservada para que “onde for plantado um Baobá o seu povo viv[er]a sempre” (ANDRADE, 2005, p. 31, grifo nosso). Papel de preservação da memória que o “Homem Grande”, representante da sabedoria ancestral africana incorporada ao exercício griótico³, desempenha no conto ao relatar para as crianças “as histórias que ouviu dos mais velhos ou as histórias que ele assistiu” (idem, 2005, p. 29). A própria autora, aliás, se encarrega de assumir esse papel multiplicador no âmbito social e educacional por intermédio de sua obra ficcional e de sua ação pedagógica: Inaldete Pinheiro de Andrade milita em outras frentes a exemplo dos movimentos negro e feminino, assim como em prol dos direitos e da dignificação da infância e da juventude, tendo desenvolvido ensaios relativos à questão afro-descendente no Brasil. Por sua vez, Graça Graúna tem investido, para além da sua poesia, na construção de uma escrita abertamente indígena, como é o caso da ficção *Criaturas de Ñanderu* e outros trabalhos de cariz ensaístico.

Nessa perspectiva, em estudo intitulado “Construindo a auto-estima da criança negra”, é ainda Inaldete Pinheiro de Andrade quem indaga:

³ O exercício griótico diz respeito ao papel desenvolvido pelo contador ou contadora de histórias, ou griot, designação pela qual esta personagem tornou-se mais amplamente conhecida no contexto africano e diáspora. Para além de sua atividade como escritora,

que orgulho tem a criança negra quando busca na memória a história do seu povo? Qual o papel do seu povo na história do Brasil? Como a família que coleciona a mesma memória administra as inquietações – ou o silêncio – dessa criança?

É a ausência de referência positiva na vida da criança e da família, no livro didático e nos demais espaços mencionados que esgarça os fragmentos de identidade da criança negra, que muitas vezes chega à fase adulta com total rejeição à sua origem racial, trazendo-lhe prejuízo à sua vida cotidiana. (ANDRADE, 2005b, p. 120)

Preocupação similar envolve a questão indígena avaliada por Graça Graúna ao longo de sua obra. Em poemas como os contidos no livro *Canto mestizo*, por meio de uma temática e estilística „mestiças”, a autora também abordará a questão étnica numa perspectiva negra e indígena. Vejamos ainda outros exemplos, como este do poema “Cumplicidade”, onde é exaltada explicitamente essa pertença afro-indígena:

Negro que te quero negro
na capoeira ou na morna
no Bairro de São José em
Cabo Verde ou Bahia em
Cuba Libre ou Angola

as contas do teu colar
têm as cores dos meus
guias do horizonte
do olhar
da esperança
da tribo

negro que te quero
negro Orik, Orixá, Nagô
Louvada seja a poesia

(GRAÚNA in *Poemas*, s/d)

Em “Answer”, recorrendo a uma ironia reforçada pela ambigüidade lingüística, o sujeito lírico em Graça Graúna põe em cheque o discurso reducionista do papel do negro e do índio na História oficial:

Yes, Sir.

we have indigenous blood

we have ebony sweat

we have mestize tears

Yes, Sir.

Nessa mistura

caminhamos fortes.

(GRAÚNA in: *Canto mestizo*, 1999, p. 42)

De forma semelhante àquela observada no conto de Inaldete Pinheiro de Andrade “O Be-a-bá do Baobá”, a autora potiguara parece apontar e trilhar o caminho a ser seguido enquanto poeta, estratégia igualmente desenvolvida nos versos de “Dores d’África”, onde diz: “Eh, meu pai!/ Em vez de prantos/ é melhor que cantemos” (idem, 1999, p. 49). Por esse viés, Graça Graúna também ressalta o papel da memória recorrendo à tradição oral no âmbito de uma literatura que toma o índio como sujeito do discurso, onde a questão da especificidade dessa literatura “implica um conjunto de vozes entre as quais o(a) autor(a) procura testemunhar a sua vivência e transmitir „de memória” as histórias contadas pelos mais velhos” (GRAÚNA, s/d, p. 4).

Dos textos de Inaldete Pinheiro de Andrade e Graça Graúna emergem discursos que vão de encontro ao pensamento hegemônico. Quando nos dizem que “Outras sementes brotaram e outros Baobás cresceram” (idem, 2005: 30) e que, “Yes, Sir/ We have indigenous blood” (idem, 1999: 42), ambas as autoras, oriundas e agentes desse contexto, afirmam que a presença e a contribuição negra e indígena é marcante no presente como no passado do país. Nesse sentido, convém ressaltar a emergência das comunidades quilombolas organizadas e os remanescentes dos povos originários que vêm despontando em número crescente por todo o território potiguar, não apenas na reivindicação e na luta pelo reconhecimento de seus territórios, como também na afirmação de seu pertencimento etnicorracial e de suas identidades culturais⁴.

Presentes nos discursos literários de Graça Graúna e Inaldete Pinheiro de Andrade, as marcas da problematização etnicorracial suscitam o questionamento acerca de suas respectivas inserções no que vem se constituindo, nestes últimos tempos, como literatura afro-brasileira e literatura indígena. Trabalhos de maior fôlego empreendidos nesse campo pela própria escritora Graça Graúna (2008) dão conta de que

a literatura indígena no Brasil continua sendo negada, da mesma forma com que a situação dos seus escritores e escritoras continua sendo desrespeitada. A situação não é diferente com relação aos escritores negros e afrodescendentes (GRAÚNA, 2008, p. 2)

Nessa mesma perspectiva, Eduardo de Assis Duarte (2008) identifica uma vertente afro-brasileira em nossa trajetória literária. Em termos autorais, temáticos, de linguagem, de ponto de vista e de público leitor, literatura afro-brasileira é (ou seria), simultaneamente, literatura brasileira que expressa uma visão de mundo dos afro-brasileiros.

⁴ Consultar, nesse sentido, estatísticas oficiais apresentadas em diversos documentos de organismos como a Fundação Palmares, a Associação Nacional de Ação Indigenista, o Ministério do Desenvolvimento Agrário e o IBGE

Nesse sentido, a literatura afro-brasileira trabalha o trauma do passado para transformá-lo em memória coletiva consciente, capaz de construir um caminho (...) onde o autodesprezo é substituído por autoestima. A cura deste trabalho de resistência reside no uso criativo e transformativo da violência, ou nas palavras de Graça Graúna (2006, p. 120): “dançamos a dor/ tecemos o encanto/de índios e negros/da nossa gente”. (WALTER, 2009, p. 237)

Ainda tratando dos processos implicados na diáspora africana nas Américas, Roland Walter (2009:237) alude que “Esta colonização da psique negra gera um círculo vicioso de várias formas e práticas de violência, prorrogando o entre-lugar epistêmico do afrodescendente”. No caso de Graça Graúna e Inaldete Pinheiro de Andrade esse „entre-lugar” mestiço se desdobra para além do campo epistêmico, visto que as autoras se movimentam em outros entre-lugares, a saber: entre dois Estados, Pernambuco e Rio Grande do Norte; entre duas percepções conceituais de literatura: a canônica e a que se encontra à margem desse cânone; entre identidades que, ainda sob a perspectiva do autor, se apresentam como fraturadas. Uma possibilidade de repercussão da obra dessas duas autoras para o contexto potiguar pode nos remeter, de início, a algumas considerações feitas à escrita da poetisa e ficcionista equatoriana Luz Argentina Chiriboga, a qual:

desde *Jonatás y Manuela*, romance histórico que tem como ponto de partida a África e a consciência de que o Equador pertence à diáspora, pretendendo redefinir as bases fundacionais do país e assim redefinir a história nacional na perspectiva de um protagonismo negro e feminino (HANDELSMAN, 2000: 195), até a evocação dos desejos mais particulares igualmente tratado sob a ótica das mulheres, motivação, aliás, recorrente no seu exercício da poesia. (QUEIROZ, 2007, p. 67),

discurso que alinharia, numa mesma perspectiva de avaliação desses processos de invisibilização literária e cultural, vozes afro-descendentes e indígenas das Américas, mais amplamente percebidas.

Tal possibilidade mostra-se plausível para o Rio Grande do Norte? Isto é, repensar as bases fundacionais do Estado reavaliando a sua história na perspectiva de um protagonismo negro e indígena? Em sendo a resposta afirmativa, ainda teriam que ser superados vários obstáculos como a invisibilidade, no cenário da literatura contemporânea, de nomes como os de Graça Graúna e Inaldete Pinheiro de Andrade dentro do próprio Estado onde nasceram. Para que tal processo seja desencadeado, entendemos como possível e necessário o incremento de uma discussão que redimensione, nesse mesmo cenário, o papel de nomes como o dos irmãos Castriciano de Souza, o de Dona Militana Salustino ou o de Fabião das Queimadas, nas suas respectivas condições de sujeitos históricos e literários mestiços de negro e índio, bem como os de Inaldete Pinheiro de Andrade, Graça Graúna e alguns poetas rappers da contemporaneidade periférica norte-rio-grandense, considerando os seus lugares de fala no atual contexto histórico e cultural do Estado dito potiguar⁵. Desta forma, com a inserção do Rio Grande do Norte no mapa das literaturas afro-brasileiras e indígenas por intermédio de obras como as de Inaldete Pinheiro de Andrade e Graça Graúna, estaria sendo realçada a pluralidade discursiva da própria literatura potiguar e desinstituídas, pela via das supostas exceções, as regras que cristalizaram um discurso oficial excludente.

⁵ Através de seus discursos poético-musicais e de uma ação social organizada, grupos natalenses como Agregados do Rap e Carcará na Viagem, a exemplo de tantos outros agentes do Movimento e da Cultura Hip Hop pelo mundo inteiro, reivindicam qualificação de etnia, gênero e classe em suas composições.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. “O Be-a-bá do Baobá”. In: *Revista Palmares* Ano 1 - Número 1 Agosto 2005.

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. “Construindo a Auto-Estima da Criança Negra”. In: MUNANGA, Kabenguele (Org). *Superando o racismo na escola*. Brasília: Edições MEC/BID/UNESCO, 2ª Ed., 2005b, pp. 117/123.

ARRAIS, Francisco. “O nascimento do cronista e o nascimento da cidade de Natal”. In: CASCUDO, Luís da Câmara. *Crônicas de origem: a cidade de Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*. Natal: EDUFRN, 2005.

CASTRICIANO, Chronica, In: *Seleta: textos e poesias*. ALBUQUERQUE, José Geraldo de (Org). [s/n/t], Vols. I e II .

CAVIGNAC, Julie A. “A etnicidade encoberta: „Índios” e „Negros” no Rio Grande do Norte.” Disponível em www.cerescaico.ufrn.br/mneme Acessado em 02 de agosto de 2011.

CHIRIBOGA, Luz Argentina. *Jonatás y Manuela*. Quito: Abrapalabra, 1994.

DUARTE, Constância Lima; MACEDO, Diva Maria Cunha P. de. *Literatura feminina do Rio Grande do Norte – de Nísia Floresta a Zila Mamede*. Natal: Sebo Vermelho/UnP, 2001.

DUARTE, Eduardo de Assis. “Literatura afro-brasileira: um conceito em construção”. Disponível em: www.lettras.ufmg.br/literafro Publicado em maio de 2008. Acessado em 16 junho 2012.

GRAÚNA, Graça. “Literatura indígena: desconstruindo esteriótipos, repensando preconceitos”. Disponível em: <http://ggrauna.blogspot.com.br/partigos.html> Acessado em: 15 de abril de 2012.

GRAÚNA, Graça. *Criaturas de Ñanderú*. Barueri: Editora Amarylis/Manole, 2009.

GRAÚNA, Graça. “Cumplicidades”, in *Poemas*. Disponível em: www.dhnet.org.br/direitos/militantes/ggrauna/ggrauna_poemas.pdf.

GRAÚNA, Graça. Resistência. In: *Cadernos negros* 29. São Paulo: Quilombhoje, 2006, p. 120.

GRAÚNA, Graça. *Canto mestizo*. Maricá/RJ: Blocos, 1999.

GURGEL, Deífilo. *Espaço e Tempo do Folclore Potiguar*. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2001, pp. 207/208.

GURGEL, Tarcísio. *Informação da literatura potiguar*. Natal: Argos, 2001.

HANDELSMAN, Michel. “Lo afro y la plurinacionalidad: el caso ecuatoriano visto desde su literatura”. In: *Romance Monographs* n. 54. Missouri: University of Missouri Press, 2000, pp. 195-221.

MARCOS, Eidson Miguel da S. ; QUEIROZ, Amarino Oliveira de. “Exceções que desinstituem regras: etnicidades, literatura e discurso identitário”. *Anais do II Encontro Internacional de Literaturas, Histórias e Culturas Afro-Brasileiras e Africanas – ÁFRICA BRASIL*. Teresina: UNESPI, 2011.

MEDEIROS, Tarcísio. “Prefácio”. In: MARIZ, Marlene da Silva. SUASSUNA, Luiz Eduardo Brandão. *História do Rio Grande do Norte*. 2 ed. Natal; Sebo Vermelho, 2005.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. *As Inscrituras do Verbo: dizibilidades performáticas da palavra poética africana*. Recife: UFPE, PGLetras, 2007. Tese de Doutorado.

SOUZA, Auta. *Horto, outros poemas e ressonâncias: obras reunidas*. Natal: EDUFRN, 2009.

WALTER, Roland. *Afro-América: diálogos literários na diáspora negra das Américas*. Recife: Bagaço, 2009.